

**SÉRGIO DE ZEN**

Professor da Esalq/USP; coordenador de Pecuária do Cepea/Esalq/USP

# Incerteza que afeta o amanhã

**O** Brasil teve mais um ano de baixo crescimento econômico e inflação próxima do limite superior da meta oficial. O governo tem usado ferramentas pouco ortodoxas para incentivar a economia, mas obtido resultados frustrantes. Num cenário econômico global revolto, o País tem se mantido abaixo de seu potencial de crescimento, atrás também de outros países emergentes. Há nítida necessidade de investimentos em muitos setores.

A pecuária de corte é um desses segmentos da economia. Em 2012, o pecuarista enfrentou custos em alta e preços estáveis, mas inferiores aos de 2011. E para o ano que começa? O que se pode esperar? A oferta continuará abastecendo os brasileiros e gerando excedentes exportáveis?

As respostas estão fora do setor pecuário. Dependem da economia como um todo. Ao tentar entender o contexto macroeconômico, percebe-se que o governo vem alterando de forma sutil princípios básicos que levaram a economia brasileira ao sucesso de anos passados. Com isso, foram introduzidos fatores extras de insegurança aos investidores nacionais e internacionais.

No setor pecuário, onde o investimento nunca é de curto prazo, essas incertezas ganham especial dimensão. O aumento de risco impacta o custo de oportunidade do dinheiro a ser aplicado e reduz a rentabilidade do projeto. Embora o governo tenha baixado as taxas de juros, a oferta de animais em 2013 é fruto de investimentos feitos em momento bem mais atrativo para a atividade. O problema é que a conjunção atual, como temos dito, é bem diferente.

A incerteza gerada pela condução da política econômica dificulta previsões realistas sobre o retorno a ser obtido. Por exemplo, o câmbio com “flutuação suja” – o Banco Central intervém quando considera que uma moeda subiu ou baixou demais – impacta o planejamento de frigoríficos sobre a parcela comercializada no exterior. Neste caso, enquanto o governo agir para

desvalorizar o real, ótimo para as exportações, mas se o BC inverter a ação e valorizar a moeda nacional para controlar a inflação, a carne brasileira perde competitividade.

Na história de nosso País, sempre que as incertezas se acentuavam, a recomendação central era de não mudar muita coisa. A pecuária sempre se mostrou um investimento de baixo risco, pois as políticas econômicas vão e vêm ao gosto dos governantes de plano, mas a necessidade de carne se mantém.

A característica básica da produção pecuária é o processo relativamente longo de maturação dos investimentos. O boi de hoje é um animal cujo processo produtivo começou há pelo menos cinco anos, considerando-se o início do processo de retenção das matrizes.

O produtor decide produzir bezerro com base na rentabilidade que ele pode supor ao vender esse animal, seja para recria ou terminado. A tomada dessa decisão é feita com poucas informações futuras. Embora existam vários critérios e ferramentas de análise de investimentos e todos eles sejam válidos, eles explicam pouco por si só. Afinal de contas, são exercícios de previsão de futuro com base em dados passados. Ou seja, quanto mais longos os projetos, mais riscos oferecem quanto mais a economia é instável.

Assim, diferentemente do confinador, o produtor de bezerro tem poucas chances de se proteger das oscilações de preços ao longo de todo o processo. Não existe mercado futuro de bezerro e nem mercado a termo.

O crescimento da produtividade das vacas é um problema antigo e sério. Conforme dados do Agribenchmark, projeto internacional de comparações de sistemas de produção no qual o Cepea e a CNA representam o Brasil, em nosso País são obtidos apenas cerca de 60 bois terminados por 100 vacas. Nos Estados Unidos, na Austrália e em países europeus, são cerca de 80 bois por 100 vacas. Es-

ses números, entre outros, reforçam que é longo o caminho do Brasil no processo de investimento e crescimento da produtividade. No processo de intensificação da atividade, os riscos produtivos crescem à medida que mais fatores de produção passam a ser utilizados em seu limite. A gestão da produção requer mais profissionalismo, com a oferta de alimentos e manejo dos animais devendo ser conduzidos com alta eficiência. Em resumo, elevar a produção com aumento de produtividade – o que é desejável para a nossa pecuária – demanda investimento, mesmo em condições de risco.

O que essa oferta “pouco atraente” (investir frente a tanto riscos) significa para o País? A pecuária de corte brasileira produziu receita recorde com exportação em 2012 – foram US\$ 5,77 bilhões – e, ao mesmo tempo, abasteceu o mercado interno a preços médios menores do que os do

***Sem investimento na pecuária hoje, no futuro ela interferirá negativamente na inflação.***

ano anterior. A carne bovina é um dos alimentos com maior correlação com a inflação e, neste sentido, deu sua contribuição.

Considerando-se a série de variações mensais entre 2007 e 2012, constata-se que a correlação entre o preço do boi gordo e a inflação (IGP-DI) foi de 47%. Dado esse peso, torna-se especialmente importante a formuladores de políticas públicas acompanharem os estímulos ou desestímulos que a base desse setor está recebendo para continuar produzindo. Lembrando que as proteínas animais têm relação forte entre elas, ou seja, se não ocorrem investimentos na produção pecuária hoje, no futuro ela pode contribuir negativamente para o controle da inflação. ■